

# Exportação estagnada impõe novos desafios

Saldo dependente da venda de grãos e de minério de ferro, cujos preços seguem em queda, impede o avanço do país no comércio global

» ROSANA HESSEL

A queda no valor das matérias-primas agrícolas e minerais expôs a fragilidade brasileira no comércio exterior. Não por acaso, o país completará em 2014 três anos seguidos de exportações estagnadas, enquanto o mundo continua ampliando as suas trocas comerciais. O Brasil também está à margem das muitas negociações em torno de acordos para a abertura de mercados. Uma das tarefas da presidente Dilma Rousseff no atual encontro do G20, em Brisbane, Austrália, é justamente melhorar as relações com os Estados Unidos, de volta ao posto de maior importador de produtos *made in Brazil*.

Especialistas ouvidos pelo Correio alertam para o risco de uma piora no saldo comercial do país com o resto do mundo não somente neste ano como também em 2015, graças à desvalorização das commodities, o carro-chefe das exportações brasileiras. Estudo recente do Banco Mundial (Bird), por exemplo, aponta que o recuo generalizado nas cotações parece que veio para ficar, sem chances de melhora neste ano. Os grãos lideram os tombos (-19,7%) e, no ano que vem, a maioria dos produtos continuarão decaindo ou ficando estáveis (veja quadro).

De janeiro a outubro, o saldo comercial do país fechou no vermelho em R\$ 1,87 bilhão, um dos piores da sua história, praticamente empatando com o déficit de R\$ 1,99 bilhão em igual período de 2013. Antes, o pior resultado havia sido em 1998, com perda de R\$ 5 bilhões. Boa parte desse quadro se deve à retração do preço do minério de ferro. No acumulado de 10 meses do ano, sua desvalorização foi de 19,6%. No caso da soja, foi de 4,4% e do milho, 22,8%. O açúcar, por sua vez, recuou 9,2%.

Não por acaso, esses prognósticos enterram qualquer esperança de melhora no comércio com o resto do mundo e deixam escancarada a perda de competitividade internacional do país. "Hoje, as commodities explicam que 59% da pauta de exportação brasileira e seus preços estão caindo. Com isso, o saldo comercial fica cada vez mais longe do recorde de R\$ 40 bilhões, de 2007", destaca a economista Lia Valls Pereira, do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV).

Os superávits alcançados pelo Brasil desde o auge da crise global, em 2009, não decorreram da melhora na sua competitividade. "Os resultados foram puxados pelos preços das commodities, que subiram diante da surpreendente demanda chinesa. Mas próximos anos serão menos favoráveis", explica Lia. Ela lembra que,

## Balança em risco

Um estudo do Banco Mundial indica que os preços das commodities devem cair neste ano e manter a queda até 2015. O Brasil, como um grande exportador desses produtos, deverá ver o saldo comercial encolher cada vez mais por conta disso

### Evolução dos preços das commodities (variação %)

Produto	2012/13	2013/14*	2014/15*
Energia	-0,1	-2,5	-4,6
Não Energia	-7,2	-4,1	-0,5
Metais	-5,5	-5,4	1,2
Agrícolas	-7,1	-3,1	-1,1
Alimentos	-7,1	-7,0	-0,7
Grãos	-9,3	-19,7	0,9
Fertilizantes	-17,4	-11,5	-3,5
Metais preciosos	-16,9	-11,0	-1,9
Petróleo (barril)	-0,9	-2,5	-5,7

### Piora no quadro

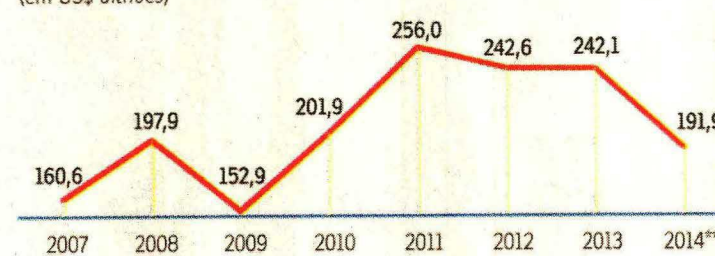
O preço das commodities tem caído, assim como a quantidade dos produtos exportados pelo Brasil

### Commodities vendidas pelo Brasil

Ano	Preço (em %)	Quantidade (em %)
2007	12,2	5,0
2008	34,8	-3,2
2009	-19,3	7,3
2010	32,3	6,2
2011	30,5	2,8
2012	-7,7	1,5
2013	-3,8	1,3
2014**	-6,4	3,3

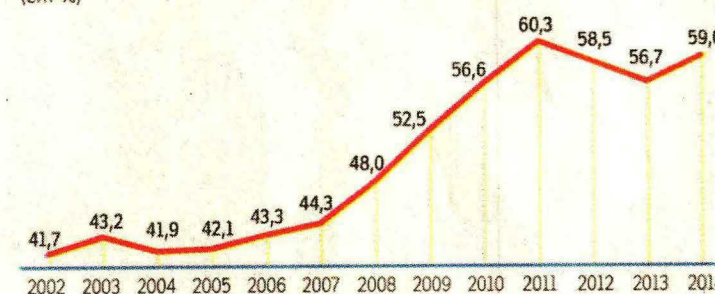
### Evolução das exportações

(em US\$ bilhões)



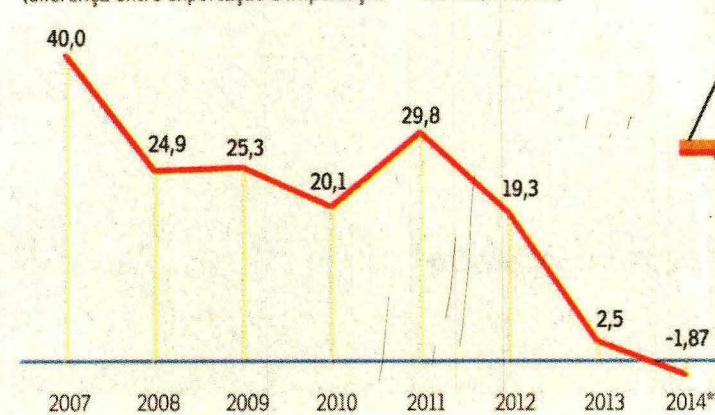
### Participação das commodities nas exportações brasileiras

(em %)



### Saldo da balança brasileira

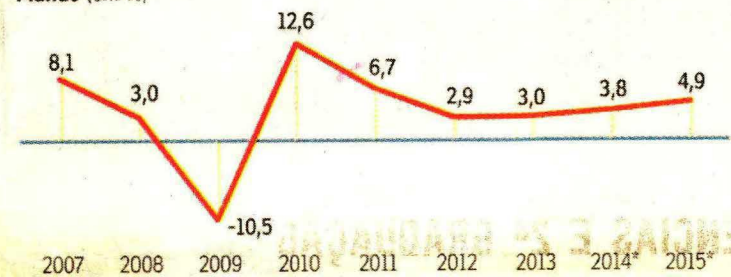
(diferença entre exportação e importação — em US\$ bilhões)



### Evolução do comércio global

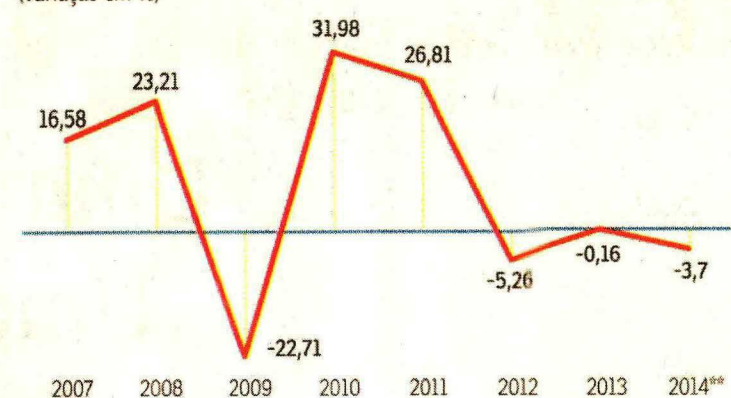
Na contramão das exportações brasileiras, as trocas comerciais no mundo estão avançando

Mundo (em %)



### Exportações brasileiras

(variação em %)



### Participação do Brasil no comércio global

(em %)



\* previsão

\*\* acumulado de janeiro a outubro

Fontes: Banco Mundial, Ibre/FGV, Fundo Monetário Internacional (FMI), Secex/Mdic e Organização Mundial do Comércio (OMC)

quando as exportações brasileiras atingiram seus melhores resultados, na década passada, algumas commodities simplesmente dobraram de valor, caso do minério de ferro.

Nem mesmo executivos da Vale, a maior mineradora do país, acreditam que a tonelada do produto, que está abaixo de US\$ 80, voltará ao patamar de US\$ 100 tão cedo. "O problema continuará porque a pauta é muito dependente de commodities, e as exportações de manufaturados só pioram, com o principal destino, a Argentina, longe de se recuperar", acrescenta.

A assessora técnica de assuntos econômicos da Confederação Nacional da Agricultura (CNA), Adriana Del Isola, vê a queda dos preços de commodities também como reflexo do aumento do volume mundial de grãos. Produtores plantaram mais devido à forte alta dos preços em 2013 graças à seca nos EUA. Pelas suas contas, os estoques excedentes aumentaram, em média, 14,5% este ano em relação a 2013. No caso do milho, a alta foi de 22,5%. E, no da soja, 41,8%.

"A demanda não está acompanhando a oferta. A China teve um grande salto na formação de estoque no ano passado e, neste ano, diminuiu. Por isso, a queda não é só de preço, mas também de volume", completa Adriana, lembrando que, de janeiro a outubro, o Brasil exportou US\$ 83 bilhões em grãos. "Comparando com o ano passado, é um recuo de 3%. Isso é preocupante porque diminui a rentabilidade do produtor, além de ser um cenário carente de uma boa melhora no clima", detalha.

"É difícil pensar em piso no valor das commodities — depende da China, do mundo, do quadro geopolítico. De todo modo, dá para dizer com certeza que não se repetirá quadro positivo igual ao de 2004 a 2008", acrescenta Monica Baumgarten de Bolle, diretora da consultoria Galanto MBB.

## Perspectivas

A estabilização de preços apontada pelo Bird desafia o Brasil, na avaliação de Marcos Troyjo, diretor do Bric Lab da Columbia University, de Nova York. "A curto prazo, a percepção sobre a performance de países como Brasil e Rússia, que enfatizam as matérias-primas em seu perfil exportador, continuará desanimadora", lamenta. Lia, da FGV, também considera que o quadro para o Brasil é ruim. Para ela, é inevitável a balança comercial registrar déficit este ano, sem o artifício de contabilizar como exportação as plataformas de petróleo fabricadas no próprio território. Até outubro de 2013, o saldo comercial estava negativo, mas graças à manobra, fechou com R\$ 2,5 bilhões positivos.

